

TYPOGRAPHIA

DO

# Annuario Commercial

PROPRIEDADE DE MANOEL JOSÉ DA SILVA

A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ

Telephone 1239 — End. teleg.: MISSILVA

Officinas de Composição, Impressão, Stereotypia e Fundição de Typo

27, Praça dos Restauradores — Calçada da Gloria, 5

LISBOA

## CENTRO DA MODA

### GRANDE ATELIER DE ALFAIATARIA

Fundado em 1878

DIRIGIDO PELO SEU PROPRIETARIO

**J. M. Mendes d'Abreu**

É um habil contamestre com largo pratica do corte nas principais cidades do paiz

Variado e completo sortimento de fazendas de lã, seda  
linho e algodão nacionaes e estrangeiros o que ha de  
mais moderno em objectos de fantasia, não se innume-  
rando pela sua diversidade. ♡ ♡ ♡ ♡ ♡

Vende a retalho por preços sem competencia

ENVIAM-SE AMOSTRAS FRANCO DE PORTE

COIMBRA — 64, Rua Ferrelra Borges, 68



# A: RAJADA



REVISTA  
DE CRITI-  
CA ARTE  
E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE  
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTERO DO QUENTAL :: PROPRIETARIO: E  
EDITOR: MOITA DE DEUS :: ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA :: SEC.: MARIO VIEIRA ::  
COMPOSTA E IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL :: PRAÇA  
DOS RESTAURADORES, 27 :: LISBOA ~ ~ ~ ~ ~  
DEPOSITARIA: LIVRARIA NEVES — COIMBRA ☐ ☐ ☐ ☐

COIMBRA  
JUNHO  
1912 N.º 4  
SERIE 1.ª

PREÇO  
100  
REIS



SUMARIO DO N.º 4

1.ª SERIE

00000 CAPA POR  
CORREIA DIAS 000

Oleiros de Miranda — Por Vergilio Correia .....	1
Soneto — Por Augusto Casimiro .....	8
Matinal — Por Manuel Eugenio Massa .....	9
Libro della mia memoria... — Por Veiga Simões .....	10
A sementeira das aguas (Lenda) — Por Joaquim d'Almeida .....	15
O maltez — Por Garcia Pulido .....	17
Elegia da Miséria — Por Marques dos Santos .....	23
Em pleno exilio — Por Joaquim Martins Manso .....	25
Do «Romanceiro das aguas» — Por Affonso Duarte .....	28
Lua-Nôva — Por Affonso Duarte .....	30
Livros — Por Estevam Correia .....	31

DESENHOS

Argelina e Tangerina — Desenho de N. Barradas ..	14
Christiano Cruz — Desenho de Correia Dias .....	18
Imperio — Desenho de Almada Negreiros .....	
Corôas e flores artificiaes — Desenho de Christiano Cruz ..	

VINHETAS POR  
CORREIA DIAS

GRAVURAS DE 000  
00 PIREZ MARINHO  
00 E MIRANDELLA 00  
000 00 IRMÃO 000

CONDIÇÕES

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus auctores.  
É respeitada a orthographia dos colaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á Administração a ESTEVAO D'OLIVEIRA.

PREÇOS: Serie (6 numeros):

Portugal e colonias .....	600 réis
Brazil, assignatura directu. 23500	
Numero avulso .....	100 »

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Sempre illustrados, sendo o desenho e gravura por conta da Revista.

POR NUMERO

1 pagina .....	60000
1/2 " .....	30500
1/3 " .....	20500
1/4 " .....	15000

Por serie, contrato especial; além dos espaços vagos os «annuncios» podem contar com mais folhas que serão adicionadas quando necessarias.

N.º 4

COIMBRA JUNHO

1912



DIRECTOR LITERARIO: EDITOR E PROPRIETARIO: DIRECTOR ARTISTICO

*Affonso Duarte* *Mario Vieira* *Correia Dias*

Oleiros de Miranda



MIRANDA do Córvo é uma pequena e modesta vila distante umas quatro leguas de Coimbra para o Sul, situada nas faldas e na encosta de um monticulo que um castelo encapuchou em tempos passados, desde a tomada definitiva da povoação aos mouros no seculo XII, até que desapareceu

quasi sem deixar vestigios em epoca indeterminada do seculo XVII. Servem de fundo pouco afastado á terra pelo Norte, montes abruptos cobertos de pinhal e mato, que se levantam rapidos, sem escalada visivel, por detraz do castelo e seguem de-

pois em grandes linhas de batalha até ás aguas do Mondego; banham-lhe os pés das casas e os alicerces da velha Camara — junto á qual um pelourinho ficou mostrando as suas figuras delicadas, nitidamente cortadas na pedra alva de Ançã —, as aguas reunidas do Dueça e do Alheda; abrem-lhe as janelas amplamente sobre a chan enorme da *gandara* que lá tão longe transformada em *varzea* se quebra de encontro á massa pesada das serras da Louzã, cujas lombas sucessivas tapam todo o horisonte a Este e ao Sul. Situação natural de fundo de caldeira, onde o sentir e palpitar do mundo difficilmente chegam; posição fadada para o desenvolvimento de uma pequena vida propria, para a formação de um pequenino mundo áparte, onde a produção e o consumo tivessem por certos e unicos agentes os habitantes do Termo.

Miranda do Córvo, do Córvo

TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial

PROPRIEDADE DE MANOEL JOSÉ DA SILVA

A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ

Telephone 1259 — End. teleg. MISSILVA

Officinas de Composição, Impressão, Stereotypia e Fundição de Typo

27, Praça dos Restauradores — Calçada da Gloria, 5

LISBOA



desde meados do século xvii, d'apar de Podentes, anteriormente, — ainda no foral dado pelo rei Manuel em 1514 —, sustentava-se dos seus campos de milho de regado, das suas pequenas industrias regionaes, das varzielas dos seus riosinhos em cujos nomes andavam apelidos de fidalgos, senhores das terras por onde corriam. Vivia da industria da tecelagem caseira do linho, prolongamento da que florescia numa zona que vinha dos lados de Coimbra por Castelo Viegas, Almalaguez e Lobazes; da fabricaçã de estamenhas, aproveitando as aguas turbulentas do Dueça — rio d'Eça se chamára ele em tempos em que a familia dos Eças possuía as terras todas que a sua corrente banhava, e enchia os vizinhos conventos de Semide e de Lorvão de abadessas devotas e devassas —; e enfim da produçã de objectos ceramicos, numa continuidade de arte rudimentar que ocupava muitas aldeias.

Em tal situaçã geográfica, rodeada de montes, isolada da vida em frente da chan impenetravel e coberta de mato alto, onde os reis vinham, quando a côrte pousava em Coimbra, caçar a cavallo os veados e as feras, a populaçã da vila lançou-se com convicçã ás suas pequenas industrias, e saiu da terra, vendendo, negociando os productos do seu trabalho.

Naquela caldeira não entrava de fóra, senão o dinheiro.

Por muitos anos se conservou este

primitivo modo de viver, até que as condições da propria vida se modificaram.

Dessa primeira fase intensa de regionalismo restam as olarias espalhadas pelo concelho, entre as quaes avultam as estabelecidas nos Bujos e Carapinhal, a uns kilometros fracos de Miranda.

No século xvii, o P.º Carvalho da Costa, referindo-se na *Corografia* á vila de Miranda, inseria ainda estas significativas palavras: «...o mayor trato desta villa, são oleyros...»

Bujos e Carapinhal são aldeias perdidas na curva mais branda da descida dos montes, e entestam quasi com a planura da *gandara*, um pouco mais altas do que ela, dominando-a ainda. Amontoados de casebres, como os de todas as aldeias nossas; casas de um só andar e sotão, pequeninas, porcas, com a alvaria das paredes á vista entre os rasgões do reboco antigo e enegrecido; numa ou noutra habitaçã, dos vasos vermelhos — refugio das olarias — apinhados em taboas largas que fazem debaixo e ao lado dos peitoris de misulas toscas, cahem mancheias de flôres e de verdura.

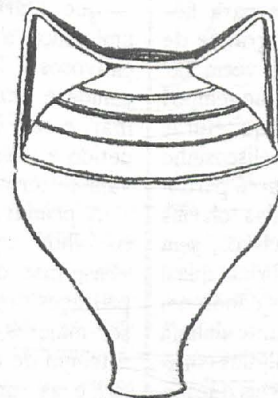
Para quem não tem quasi um torrão de seu, o unico jardim tem de ser aquele, ali ao lado das janelas, abrigado pela linha sinuosa e esborcinada dos beiraes!

Ao rés da terra, frente ás portas

abertas, as rodas, que o barro cobriu de uma capa esbranquiçada e luzidia, esperam o movimento cadenciado dos pés nus. São as rodas primitivas, tão usadas ainda em Portugal, sem aperfeiçoamento algum. Tal como as vêmos, assim deviam ser ha mais de 3000 anos depois que um genio qualquer da idade do bronze ideou e construiu no Egipto a primeira de todas. No Egipto? Quem sabe se ha mais tempo ela não existiria já nessa misteriosa Asia de inventos milagrosamente nascidos e milenarmente guardados?! Aquela roda, na sua simplicidade de cousa genial, foi o agente de todas as delicadezas ceramicas futuras; causa dos vasos de Creta e da Grecia, dos *bucheros* da Etruria, dos *samios* da epoca romana, dos grés seiscentistas da Germania, dos vasos japonezes e chinezes de tão complicados e finos galbos!

Vem o dono da oficina para o trabalho. Senta-se ante o maquinismo, e o seu pé descalço, assente um pouco de lado e fazendo carregar com mais força o dedo polegar de uma mobilidade de primata, começa a fazer girar a roda inferior e todo o aparelho com ela, com uma velocidade que se vae regularizando.

Toma agora do lado onde o tem amassado e pronto em monte, um pedaço de barro. E é primeiro sobre o prato da roda, um obeliscosinho de faces redondas levemente aguçadas coberto por uma calote semisferica... Rapidamente o polegar rasga a calote, penetra na massa humida, inclinado no gesto que entre os romanos condemnava, e começa o obelisco a abrir em taça longa,



Asádo

que alarga, alarga mais e mais, afina as paredes progressivamente, até ser bôjo pando de cantaro cortado a meia altura. Retirada do prato, fica de lado esperando. De novo a scena se repete, com transformações plasticas rapidissimas, e uma outra parte quasi identica se inverte e solda sobre a parte já feita, fechando e completando o vaso. As asas são simples fachas

de barro que facilmente se arqueiam e ligam. É a obra fragil ainda, erguida pelo milagre da coesão das fórmãs, é retirada e levada para o ar livre para secar e endurecer enquanto não chega o afogamento da cosedura.

Está feita essa maravilhosa vasilha, tão admirada e cantada de poetas e prosadores que indissolavelmente a ligaram á mulher e á paisagem de Coimbra: o asádo.



:: Oleiros de Miranda ::

Depois, das mãos terrosas do oleiro, saem outros vasos, outras formas: talhas de colo largo e asas enrançadas, de formas menos preciosas, cantaras de uma só asa larga, com genealogias pré-históricas, bilhas de modelos e tamanhos variados, testos e pucarinhos como só aqui ha, inseparáveis companheiros do asádo, campainhas, toda a larga coleção caseira das minúsculas louças com que as crianças se adestram brincando para a vida, vasos para flôres, etc. Uma variedade grande de formas, com modelos que veem sabe-se lá bem donde e de que tempo!

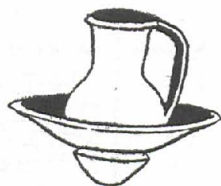
E todas estas frageis arquitécturas proveem do mesmo obeliscosinho fresco e ressumante, de barro pardo!

Os productos saem das olarias todos iguaes, sem distinctivos, sem marcas nem divisas de fabrica, quasi sem arte decorativa; de quando em quando apenas, o fabricante delinha nos bôjos ainda frescos, alguns corações irregulares, amoraveis taçasinhas donde se alteiam umas plantas singelas de tres e quatro folhas. Nada de pessoal na arte: o ceramista, dessa raça de oleiros que desde o começo das eras produz obras primas sem o sonhar, numa continuidade fatal e obscura, não podendo assinalar os productos que lhes saem das mãos com a marca illustre de uma oficina, a sua casa, contenta-se em cravar-lhe nos flân-

cos o seu signal indelevel e eterno de oleiro e de pobre, a sua impressão digital. E' tudo o que fica pelas eras fóra da sua humilde pessoa!

Todo o inverno o oleiro trabalhou na sua loja escura e terrea, aos pedaços, quando a chuva lá fóra cahia impertinente, nos intervalos da cava das terras e do amanho das searas, — que a arte só serve para ajudar um pouco a vida. Nos longos dias chuvosos e frios, a familia ás vezes emudece em volta, vendo-o trabalhar, e sem ensino, com o estudo repetido e natural dos olhos os filhos vam-se tornando tambem oleiros.

A primavera chegou por fim, com os olhos empapados ainda de nuvens, mas com menos chuveiros e pedrâços, com dias que se vêem ser maiores, de mais branda sazão: é tempo de começar a correr as feiras e as romarias que com canções



Testo e pucarinho

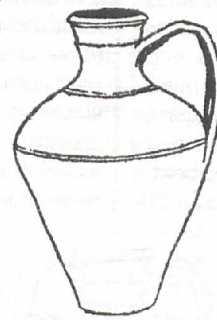
ao sol e á vida se dão a florir por toda a terra, desde os valesinhos perdidos nos covões das serras, aos montes altos que a vista alcança para o longe, lá onde as santas, irmãs, estabeleceram residencia em brancas capelinhas, — para fi-

carem sempre a ver-se apesar de separadas, — como o povo repete.

Pela madrugada, no silencio da terra e da meia treva, a familia

:: Oleiros de Miranda ::

trata de preparar o carro dos pequenos boisinhos de olhos mansos, bois tão quietos da vida que parece fóram creados para uma paizagem assim — sem grandes campos, toda harmonias brandas — e para uma gente como esta — pobre raça de trabalhaddôres cujas posses não dariam para animaes de maior vul-to. Das grandes arcas onde esconderam os barros mais finos, do canto da arribana onde entre palha fulva as vasilhas descansam amontoadas, vão tirando a carga para



Cantara

o carro, até formar o alto cogulo bocado que os fueiros nodosos acompanham como dedos descarnados e negros. Este resto de louça vae nos alforjes do cavalito em que as mulheres se hão de acomodar, ás pou-sas, nos intervalos das ladeiras!

E começa a caminhada, por vezes de muitas leguas, metade por estradas brancas onde o carro deslisa de vagar no chiar lastimoso dos eixos, metade por caminhos de travéz, riscados nas encostas ou enterados entre arrifes altos onde as sebes começam a florir.

Para o Alto e Baixo distrito, a louça de Miranda monopolisa os mercados pela sua barateza e boa qualidade; não ha romaria ou feira em que não apareça. Santo Antonio

dos Oliveaes com a sua semana de festas é um dos grandes mercados dos oleiros de Miranda; mercado especial onde se conta com o ele-

mento estudante, mercado de cidade onde os habitantes vão comprar vasilhas para lembrança apena-s, sem utilidade directa que não seja ás vezes a de quebrá-las na cabeça dos consocios, caminho de Celas abaixo, entre o vae-vem do transito e o rodar dos electricos, que agora infelizmente estragáram de borrões amarelos aquele desfilar atar-

dado de gente alegre que outrora era a maior beleza da romaria.

Por isso, para Santo Antonio o oleiro executa, além do seu fundo usual, cousas extraordinarias: bilhas e pucaros de formas exóticas, longos canudos á maneira das chaminés do Paço de Cintra, — a menos que não seja de almotolias de folha, obras cheias de voltas, refêgos, cortezinhos, dedadas, riscos, unhas, etc. Imaginação de oleiro que tenta impressionar... E são as cousas que mais se vendem!...

Para esta festa tambem, os rosarios de contas grossas, grosseiras camandulas de bolas irregulares, entremeadas de cruzitas tôscas e de irreverentes, minusculos objectos de utilidade.

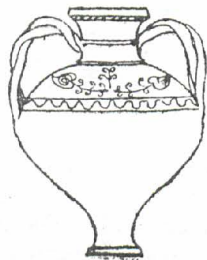
E as campainhas! Quem as não conhece em Portugal, de tradição



## :: Oleiros de Miranda ::

ao menos, a essas gloriosas campainhas de Santo Antonio, cuja limitada escala de sons forma o fundo de todo o ruído da romaria, trilhando incessantemente, sem viveza metálica, num matracar apagado de louça contundida!

O resto do fornecimento formam-no os brinquedos de creanças, os vasos para flôres e os asádos, as talhas e as cantaras que as boas e prósidas donas de casa lá vão adquirir por mais baratas que nas olarias da cidade.



Talha

Entre os productos que saem das olarias do concelho de Miranda, se alguns objectos avultam por notáveis e característicos da região, muitos outros entram na banalidade e no trivial do fabrico em todo Portugal repetido com ligeiras modificações. Faz-se aqui a transição para a cerâmica do Sul, e nunca mais até ao fundo do Algarve se tornam a encontrar as louças negras da Beira Alta e do Minho; de Coimbra para baixo tudo são louças vermelhas, de maior ou menor viveza de côr, de maior ou menor pureza de pastas.

Pertence esta cerâmica a um tipo usado continuamente nesta zona desde a idade do ferro; tipo derivado á certa dos barros vermelhos de S. Olaya e da Conimbriga do

ferro — já por si imitados da louça punica de importação — passados para época romana e conservados nas épocas visigótica e árabe, até aflorarem hoje ainda aqui numa quasi identidade curiosa de fabrico, ornatos e formas. Também se lhe poderiam achar parentescos naquela louça acinzentada que nos mesmos castros aparece junto á vermelha, e cuja technica de factura e de decoração se assemelham bastante á actual de

Miranda, salva a diferença da côr que se obtinha na cosedura.

De todos os objectos fabricados, os mais interessantes são sem duvida os mais simples: asádos, talhas, cantaros. Se o oleiro mirandês tenta meter exotismos na sua arte, desabrocham-lhe nas mãos cousas de horrível

gosto, carregadas de resaltos, golpesinhos, linhas cruzadas, etc. E' o que se dá por exemplo com os vasos para flôres que exporta para o Alto Distrito, os quaes, embora lhes não falte um certo pitoresco a que os olhos não estão habituados, nada valem como linha; creio bem que será até por não ser muito possível fazer uma cousa artistica de um simples *pot à fleurs* que os oleiros por instinto os sobrecarregam de enfeites.

O testo para o asádo e para a talha tem uma forma graciosa de chapeirão medieval invertido, com

## :: Oleiros de Miranda ::

as bordas lisas ou recortadas. No concavo como em regaço, descança o pucarinho gracil, o qual embora não pertença exclusivamente a esta parte do paiz diz tão bem na bôca do asádo entre as asas sacudidas num *battement* rapido, que ficou como cousa inseparavel da região.

No bocal de certos potes de Estremoz cujas paredes se enchem de desenhos formados pelas incrustações de pedacinhos de mármore branco, nota-se um pucarinho quasi igual ao de Miranda, mas sem o ameninado e travesso daquele.

Os outros productos não merecem descrição especial, porque a banalidade em que entram disso os exclue; as cantaras daqui encontram similares no Alemtejo e Extremadura; a talha é uma variante, também de linhas muito puras, do asádo, e encontra-se no uso geral entremeada com ele, indiferentemente; o asádo porém é a maravilha da olaria de Miranda.

Tão descrito, tão cantado, sob tantos aspectos e nomes, dos poetas e prosadores novos que pelos Cam-

pos de Coimbra algum dia se apaixonaram como aquele viajante dos Dialogos de Mariz, nunca entre tantos nenhum lhe deu o nome que o povo lhe dá, o nome por que o chamam os que o fabricam e com que a região onde nasceu o batisou — o Asádo —, palavra de tão expressivas recordações para os olhos pela fôrma do vaso presente neles, que quando o mesmo povo quiz chamar a uma cousa, bem formada, airosa e perfeita, lhe chamou asáda.

Pobres oleiros de Miranda! Das maravilhas que fizestes no barro, as honras fôram para a vossa vizinha Coimbra dos doutores, porque só os doutores escreviam e porque desde o principio, como hoje, eles eram profundamente ignorantes do que de mais perto os tocava; como hoje saham de Coimbra, sem conhecer a terra e as cousas que os rodeavam.

Por isso todos os louvôres fôram para a terra grande que vos usurpou a fôrma graciosa que um dia nasceu nas mãos de um dos vossos longínquos conterrâneos, junto ao corpo nú duma mulher...

: VERGILIO CORREIA :





## : SONETO :

**E**STA ventura pequenina e doce,  
Este sentir suave, esta brandura  
Que eu sinto em mim florir, como se fosse  
Uma oculta e divina formozura;

Este viver de sonhos que não cança,  
Este sorrir de Amor que me ilumina,  
Esta clara certeza, esta esperança,  
Esta imensa ternura pequenina;

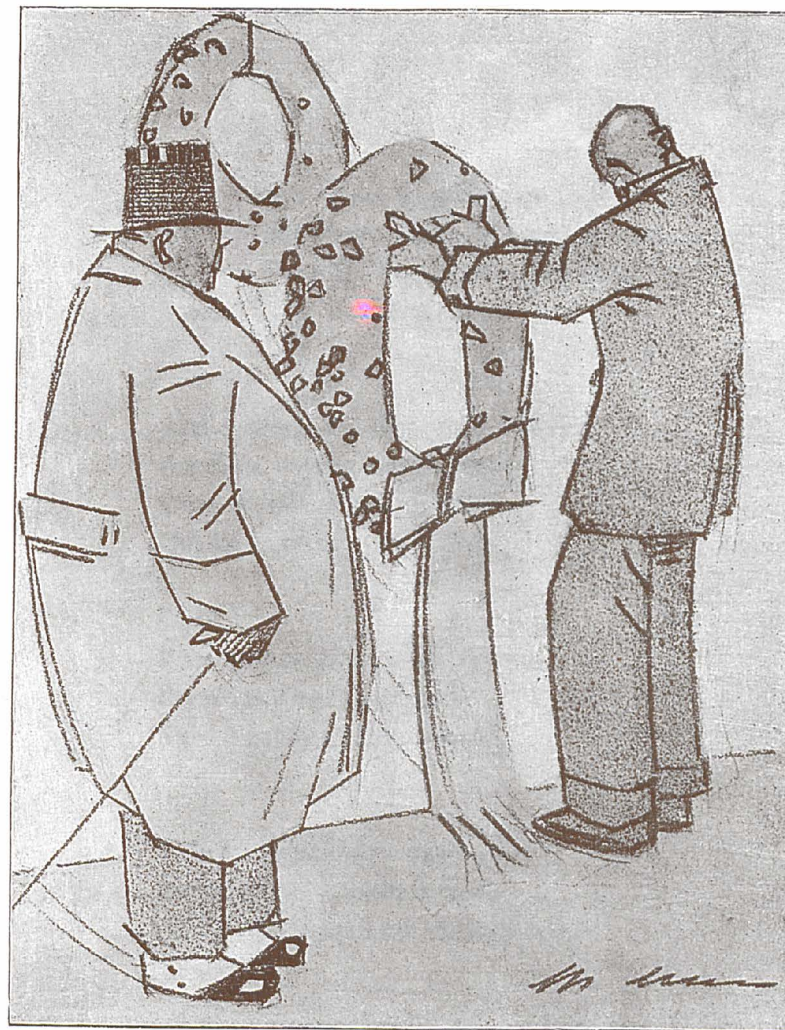
Tudo o que eu tenho, tudo o que floresce,  
Em pranto, em luz, em devoção e em prece,  
Na minha alma como num jardim;

— Todo este Sol, — esta grandeza calma,  
— É a perfeição, Amor, da tua Alma,  
— É a tua Alma a florescer em mim!...

1910

: AUGUSTO CASIMIRO :

Corôas e flôres artificiaes



DESEJAVA UMA COROASITA BARATA: FOI UM PA-  
RENTE MUITO AFASTADO QUE ME MORREU...

DESENHO DE  
CHRISTIANO  
CRUZ : : : :



## :: MATINAL ::



EMINIS fórmãs leves p'la orvalhada

Manhã chalreando, ao longo dos caminhos,

Vozes que fogem como cabritinhos

Pulando na luz, doidos na risada

Azul e pallido oiro. E de entre os linhos

Angelicos, — plantio, feira, arada,

Casos da vida, contos salgadinhos

Que fazem certa sisudez córada.

E levam flor's á flor do seu chalreio,

Hortaliças, frescuras de pomar,

Tudo bailando no gentil meneio . . .

Vão de romagem para algum logar ?

Assim graciosas vão florir o seio

De alguma deusa ? a luz vão celebrar ?

Coimbra.

: MANVEL EVGENIO MASSA :



**P**ARECE que a minha geração foi um pouco mais inteligente dos que as que lhe antecederam. Esta mesma opinião tivemos uns dos outros enquanto por lá andámos. Cada um de nós sentia-se comparsa num estranho alvorecer, a um caudal de tintas novas que velasse a gloria inerte dos tempos de Eça e de Antero. Nunca livreiros de Paris tiveram tanto negocio com a branda cidade do Mondego; á tarde, depois de jantar, entretínhamos o tempo a surpreender genios novos folheando textos do norte ou armando-se com a rude sciencia da casa Alcan.

Com o meu tempo terminou essa doce figura de capa caída, junto a um choupo velho, tocada de lenda, amando Coimbra em versos de saudade.

Como outrora os Reis Magos no deserto, cada um de nós fitava a sua estrêla, e seguia-a confiadamente; e se acaso publicavamos um livro e o país inteiro se não debruçava para o ver, nem sequer despeito tínhamos pelo país.

Todos nós, rapazes do meu tempo, eramos môços cavaleiros duma ala estranha de cavalaria, assaltando em cada dia a Universidade armados de Guyau ou John Ruskin. Se nunca descobrimos sciencias novas, é porque todas estavam descobertas. E tão convidativa era esta atmosfera de talento em que todos nos sentiamos respirar, que não era caso de

espanto quando um amigo nos surdia com um grande poeta, que descobrira ali á esquina, preso pela gola do casaco, e até os *ursos* falavam de D'Annunzio e Maeterlinck.

Para se ter talento bastava entalar um monóculo no olho; e Coimbra poude assistir a este espectáculo unico de gentes desconhecidas, chegadas dos extremos do país, pôrem monóculo no Arco de Almedina e logo crearem a mais doce intimidade que, fóra do Olimpo, sabios e artistas consigam memorar. Iniciou-as um bom sr. Peladan, mago das florações do bélo, nos misterios e ritos de Palas; e desde então, Coimbra foi de facto a Lusa-Atenas.

Passava sobre a cidade, em roçar de azas de anjos, um tépido conforço intelectual; e todo o ar, o ar que respiravamos, era um calice perturbante de magnolia, abrindo em cada um anceios de beleza, soltando o polen de desejos imortaes. Ainda recordo um mocinho, quietinho e bello, sobrinho ou irmão dum lente de Medicina, que no meu tempo se encostava a uma ombreira do França Amado quando varavamos de lança aligera as hipóteses medrosas de William James. Então este moço calado, ao ver-me sobraçar os livros novos comprados durante a noite, do braço mos tirava, e acompanhando-me a casa, pedia licença «para aquele fretezinho». Eu tinha perdido de vista este môço, que nunca conseguira entalar o seu monóculo, e me-

todica e pacientemente me transportava os livros do livreiro. A minha geração safu de Coimbra, e eu julgava-o perdido para as letras, quando ha dias um ruidoso encontro no Martinho, com o Matias Casaes (um dos maiores poetas do meu tempo de Coimbra, e agora bemquisto notario em Extremoz) me deu a grata noticia de que esse joven dá ainda ás letras igual cultivo. Põe hoje cintas numa revista de môços, nascida da cópula incestuosa dum poeta lírico com a *sebenta*.

Sim! a minha geração devia ter tido muito talento!

O que ela fez, o que fizeram todos ao depôr a pasta de quintanista, não o sei. Tristemente me sinto vergar á frase dura de Lucio Lopes, crítico do Café da Brasileira, que assim a envolvia: «Academia das Sciencias, sem farda e sem óculos.»

Onde estarão eles, os môços do meu tempo? Já avôs? ou já amanuenses? Dum tive eu noticias ha pouco — e trágicas noticias me vieram. No meu tempo de Coimbra era um môço aguerrido, mofando da oratoria dos mestres e como nós combatendo o inimigo comum. Recordo o horror com que um dia descobrimos nas folhas inofensivas das sebatas de *Romano*, a «frase luminosa e concisa de Waldeck». Todos nós ignoravamos a frase, mas o que jámais lhe perdoariamos era que fôsse «concisa e luminosa».

Altas noites, a um luar melindroso roçando as sombras do Chou-

pal, todos nós lhe declarámos guerra, guerra de morte pelos séculos dos séculos. Desde a hora desse voto, entre nós e a Universidade existia o irredutível. Não era com a pasta que subiamos a ingreme Rua do Norte: era armado de chuças e azagaias, a bandeira verde do Profeta no alto dum pau, decididos a esse cêrco de morte — o cêrco à «frase concisa e luminosa». E a luta surgiu tremenda, como se em Coimbra, á luz dubia dos velhos lampeões, num surdo tinir de lanças, surgisse o odio de Montechios e Capuletos. Ainda sinto, ainda sinto este môço, numa graça arquidoida, em ruidosos sabats, invectivar a frase, no mesmo chasco da populaça medieva invectivando janelas góticas. . .

Eu saí de Coimbra. Um dia, perguntei por Coimbra, por gente do meu tempo, por este môço. Disseram-me que *ia a lente*. Ha dias, folheando uma revista de lá, topei com o seu nome ao fundo dum artigo; e eu o vi, com estes olhos mortaes, citar «a frase luminosa e concisa de Fustel de Coulanges», — com esse desconsólo, com esse desalento com que um patriota tem noticia da derrota decisiva do seu exercito, ou um dandi do Chiado verifica *branca* na lista a cautela de seis vintens!

Considererei o pêso do *capêlo* aos ombros dum môço, derreando-lhe os ombros, e o silencio da *borla* tapando-lhe a cabeça.

Parece mesmo que todos os lentes tiveram muito talento — antes



de o serem. Resa a lenda que o Pita, lente de Direito Ecclesiastico, tivéra tanto que foi preciso o Creador, assustado, mandar á terra um cataclismo subvertê-lo; e ha fortes razões para crêr que este cataclismo outro não foi senão o Diluvio Universal.

Mas se a minha geração não teve muito talento, teve em compensação — muito cabêlo.

Foi deixando crescer o cabêlo de Sansão que a grêve academica de 907, agarrada á coluna dum doutorando, quís aluir o Templo de Minerva e a infalibilidade catedrática.

No meu tempo, as ideas não entravam na cabeça, — entravam pelo cabêlo. As ideas politicas marcavas a tesoura do barbeiro; e os barbeiros de Coimbra, já de si importantes no concêrto universitário, viram na sua mão o aferimento politico da Academia.

A' força de cabêlo se intimidáram os lentes, a ponto de quem, tendo levado um ano de esturdia e cabulice, com noites no *Magrinho* e negas á lição, em vez de cabecear sobre a sebenta — deixar crescer o cabêlo. E parece averiguado que nessa famosa Saint-Barthelemy das cátedras, em que o velho simbolo do poder universitário rufu a golpes certos, se empregou, em vez do machado, a cabeleira.

As coisas de Coimbra, vistas na

memoria, tomam um tom melancolico de infolio esmaecido. Estas coisas memoro longamente ao receber dum companheiro de lá os primeiros trabalhos que publica.

Conheci Vergilio Correia numa casinha da Cumeada, nas visinhanças do Calisto mitológico, á hora do poente, que é quando nós, os das letras, nos conhecêmos em Coimbra. Eu tinha publicado por esse tempo um erudito e comovido artigo — histórico, heráldico e genealógico — sobre a terra onde vi a luz do dia. Ao roçar dum crepusculo de lenda nos sentimos envolvidos na mesma grata melancolia pelas coisas eruditas do passado. E ficámos amigos como irmãos, a citações solênes do *Santudrio Mariano*.

Depois, um dia, eu tomei pelo nobre estilo, e Vergilio mergulhava nas fontes e no eterno saber. Amava então as ruínas de Condeixa e os livros anarquistas; e após muito longas e ruidosas discussões sobre este grave conflito duma alma penada entre ruínas sonhar com a bomba e uma velha inscrição, saíamos da sua casa do Salvador pela calada da noite, e escalavamos a Sé Velha, para ir ás obras do claustro, em visões e cautelas de escalada medieva, sofregamente tirar pedaços de portas derruidas, bocadinhos de azulejos, mãos de santos achadas em montes de caliça. E recordo-me da saudade infinita com que uma noite me apartei duma pedra, ultimo resto dum baldaquino gotico, que o

Vergilio toda essa noite em desvairo contemplou á cabeceira da cama, acariciando com a vista as linhas do desenho, á mesma hora a que a minha saudade, num quarto da Rua da Trindade, ante uma telha do seculo xvii evocava gorras de plumas e recontos de rivaes. E lapidava periridos. . .

Afinal, a minha telha era um telhão vidrado de *A Construtóra*; e o Vergilio continuou o seu caminho, na ansiedade crescente do saber, e com a pertinacia de quem ia erguendo, a visões acordadas por restos de documentos coevos, as coisas dos tempos de outrora, em panos esmaecidos como as velhas tapeçarias. Começou a frequentar um pouco mais estações preistoricas, castros romanos que descobríra, do que as aulas do Guimarães Pedrosa; e a cada nova colheita, que na frente lhe abria um novo quadro das antigas idades, a palavra de Leonardo sobre as alegrias da beleza se lhe ia lendo no olhar.

Correu o país, ancioso de aniquilar dúvidas e de vencer o desconhecido. Longo tempo viveu entre as coisas mortas, que de todas as partes lhe falavam. Já não era o arqueologo antigo, filho diléto do *Panorama*, alçando-se nos pés de joanetes largos, chegando os oculos mais para a ponta do bico, a venerar uma sigla; inteligente e lido, o documento surgia a completar certo detalhe que na visão do seu quadro deixára em branco.

Vergilio Correia agora publica os seus primeiros trabalhos. Diante delles, da forte construção com o mais solido material, começo a ver realzada aquela profecia que eu romanticamente fazia em Coimbra, em frente aos restos de pedra que da Sé Velha traziamos, em escaladas: só este rapaz poderá um dia erguer do passado, do tempo de nosso pai na caverna até á madrugada da Conquista este país de dôce quietação.

Sim, meus amigos de Coimbra, que na vossa mão sustinheis, como as velhas imagens do Menino Deus, a bolinha do Mundo! Só este vence — como venceu *Nantas*.

\*

O quê? Da minha geração só ficará este nome? Só este meu amigo terá sido afinal fecundo e util? Teria-o sido (e sê-lo-ha afnda?) um crítico enorme, poeta e contista, linguista e erudito, que lá tocou a literatura em todos os seus pontos, dutilizando a história inerte, aligeirando as lendas da nossa terra em vocabulos solertes, num estilo doído de côres de divino sonambulo.

Mas quê? Esse homem fôrte, domador de velhas linguas e inéditos estilos, que restava como o simbolo da minha geração, teve sempre um desgosto perturbante que o impedia de escrever á vontade e á vontade gosar a sua gloria: nunca soube dar bem o nó duma gravata.

Começava a escrever, e logo o



◌ ◌ LIBRO DELLA MIA MEMORIA . . . ◌ ◌

fatal desgosto lhe perturbava os sentidos. Resurgia a Assiria na volupia do seu estilo, e ao pescôço do touro alado de Karlsbaad distinguia uma gravata, a fugir apressada para a cabeça. Ideava os mais belos dra-

mas, e logo lhe saltava à mente uma gravata caída, desageitada, sôbre o seu enorme drama.

E resignava-se a comprar gravatas feitas, — como se tinha resignado a escrever ideas escritas.

Junho de 912.

: VEIGA SIMÕES :



— Olha lá, a mulher d'Argella é argelina,  
e a mulher de Tanger?...  
— E'... é, é tangerina.

DESENHO DE  
◌ ◌ NICTOHON  
◌ ◌ BARRADAS

◌ ◌ A SEMENTEIRA DAS AGUAS ◌ ◌

◌ (Lenda) ◌

**U**m dia o Christo numa tarde quente  
Pousára á sombra duma agreste fraga.  
O pó e o ar queimavam rijamente,  
E a Terra abria bôcas para a gente  
Morta de sêde, como fera brava.

— «Sinto-me sêco, como palha isenta...  
Desaperta o cantil, dá-me agua, Pedro,  
Que um calor assim não se aguenta».

— «Senhor, bebi-a toda duma assenta!»

— «Vae lá baixo á raiz do maior cedro  
Onde uma fonte de cristaes rebenta  
E traze-m'ô cheinho, — a transbordar.»

Mal tocára nos lábios do Senhor  
Aquela fina agua, em volta, o ar  
Já sopra num suavissimo frescor  
Como se ali corrêra o beirmar.

— «Vae, Pedro, e faze agora a sementeira  
Desta bemdita agua prisioneira.»

Desceu S. Pedro, e andou de vale em vale  
Vertendo aquellas gotas de cristal.



## : A SEMENTEIRA DAS AGUAS—LENDA :

Ao bater das trindades regressou  
Alagado de tam longa caminhada . . .  
Sorriu-se, o Mestre, apenas lhe contou  
De como havia feito a sementeada.

— «Ai das encostas, Pedro, ai das montanhas  
Que vam morrer á mingua de frescura.  
Has de amanhã subir ás altas penhas  
E verter gotas pela rocha dura.

Quero os cêrros a tempo amaciados  
E aguas á farta para o tójo e os gados.»

Subiu Pedro a semear pelos pendôres . . .  
E é desde entam que a Serra tem pastores.

Cardal, 1912.

: JOAQUIM D'ALMEARA :



## ::: O MALTEZ :::

A MARIO BEIRÃO

**F**oi numa tarde de junho lá prás bandas de Alcaria. Mordidas pelo chispar escaldante do sol, que em plêna vida, apoplético rompia num ceu de zinco em braza um diluvio imenso de fogo, lá baixo ao morrer da serra, encafuadas no mar verde-fulvo dos matagais seculares, as parêdes niveas do *Alcaide*, rebrilhavam numa explosão afflictiva de luz e aventavam pelas espaldas enegrecidas e poeiras dos montes, reflexos d'ódio, gritos de rebeldia. Em volta, modorrento, estatico como gigante entre algêmas, o velho montado, o vozeador dos montes aonde não vai viv'alma escutar a tempestade satânica das suas imprecações, quando o vento em rajadas varre a escuridão das noites invernosas, o velho montado alastra pezadamente pela planura, galga pela serrania ondulada e numa nuvem embaciada e talcosa perde-se lá prós raivais duns longes mal definidos, aonde o sol aviva tons roxos de amargura. Nem um resto de bafo perturba a serenidade mortal das folhas. O calor, caindo impertinente como baba do alto empardecido, espalha a aflicção e tudo vergado p'rá terra sob um esmagamento de morte, cuspidando poeira escaldante, aneia avidamente por um respirar de vento. Ao longe alçada sobre o monte, como uma ferrumpêa hostile, er-

gue-se uma guarida de velhas eras, num borbotão de raiva contra o rebrilhar agressivo d'aquelle ceu d'aço.

Acamado sob o arvoredor, o lo-beiro, já seco, espraiva-se pelo ar-rampadoiro num grande mar amarelo-alambreado, onde as espigas rebinchantes de grão se esfacelavam mordidas pela luz maldita, á mingua de humidade que as amolecesse. E os troncos do sobreiral emergem deste vasto lençol de marfim antigo, em carne viva, escorrendo sangue e das feridas que o machado descuidoso abriu, ao mesmo tempo que linguas de calma lambem a seiva, parecem sair em crispações de revolta arrancos de maldição. Toda aquela tragedia em que se liquidam mil vidas se desenrola sob um silencio esmagador de tumulto. E para o ceu virada, uma montanha de ramagem encardida, d'onde surgem em hostilidade heroica esgalhos mortos e espiculados como zagunchos, sinistros como espectros, cospe violentamente uma apoteose de raiva, esmagada pela asfixia da cupula vidrada. A' direita a argila berrante da estrada, rasgando a negrura dos matos, parece um rio de sangue jorrando do alto do monte, correndo em impeto pelo flanco e empoçando cá baixo em vasto terreiro d'alma-gre. E na grande mudez da tarde o sol vai esmorecendo, numa agonia



:: O MALTEZ ::

lenta a mole e mole, sufocado pela luz cambiante que o afogueia. Lá prós longes do monte ergue-se um perfil tostado, uma mancha escura, movediça, cuspidada no anil-ferrêto do esteval e a corta mato avança a

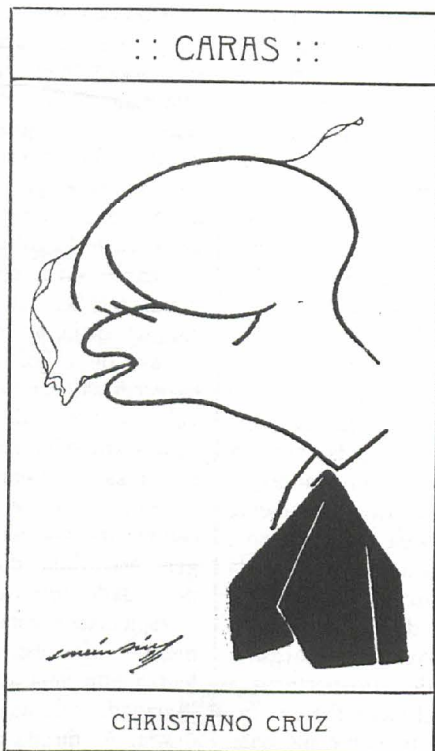
tomar a estrada. Vai deixando pela ramagem um traço oscilatório que pouco a pouco se aquieta e lhe oculta a passagem. Aproxima-se. Sobraça o bordão e num gesto agil vence o valado e toma a passo firme pela estrada. A sua figura atira-nos á alma acobardada num alvorôto de medo, a lembrança de façanhas criminosas. No olhar fulguram poêmas de desvairamentos,

todas as alucinações de vida incerta, toda a infamia dum odio surdo, um passado inteiro de crimes e receios, de cobardias e vinganças, de raiva e maldição. Os cabelos cerdosos golfavam em re-

beldia sob um velho gorro debruado de vermelho e vinham roçar-lhe a pele escamosa do pescoço. A camisa esfatalhada, embebida de suor negro, deixava vêr o peito almagrado como barro cosido, onde as costelas sa-

lientavam vincos paralelos. E arremangado, jaquêta ao ombro, manta a tiracol, rijo bordão de carrasco, lá ia estrada afora alçando uma serpente de poeira, que mansamente morria e se amalgamava ao solo. Nas faces crestadas e asperas como esparto o suor escorria em grossas bagas viscosas e cavando rêgos na porcaria sobreposta em camadas, dava-lhe o aspêto

fantastico de esfinge vingativa. Espreitando-lhe o labio superior arrepanhado num gesto de guerra, a poeira amassada por segregações untuosas, gretada como um favo de vespa, tinha os ares infames de pus-



CHRISTIANO CRUZ

:: O MALTEZ ::

tula cancerosa. As sobrelhas lançadas em curvas dum negro tragico amordaçavam na expressão pulha do olhar toda uma biblia de banditismos, toda uma odisseia de fomes.

Aquêles montes, testemunhas mudas do seu rosario de crimes acordados pelo som soturno do seu andar, rosnavam surdamente entre dentes e com raiva mal contida, um mundo de anátmias e increpações. E lá vai campos afora, esbrazeado, boca recequida e meio aberta, lingua esbranquiçada, alinhavada a laivos de saliva pastosa e amarelenta. Lá vai levando apoz si a execração de muitos lares ensanguentados e empobrecidos pelas suas mãos malvadas.

A sua figura guerreira emergindo subitamente dos barrancos rochosos é mensageira do assombro, da desgraça. A vida inteira tem levado a monte por esses raivais descampados, o martir inquebrantavel de quarenta invernos, cujos rigôres não lograram pratear-lhe um unico cabelo, a sombra tragica povoadora daimensidão desolada aonde não vai viv'alma profanar o silencio eterno. A's vezes pára, ergue sofregamente a cabeça, de boca escancarada na ancia duma aragem que o refresque, lambe a crosta emporcalhada dos labios, sorve o visco escorrente do nariz e lá vai esfalfado caminhando entre a escolta de sobreiros ensanguentados que la-deiam a estrada. Estava já proximo do *Alcaide*. Andava agora mais cau-

telosamente, pausadamente, d'ouvido á escuta, medindo num relance d'olhos com rapidez tudo que o cercava, deixando transparecer a desconfiança, o receio. Ao rasmalhar de qualquer bicho assolapado numa piorneira estacava em posição de ataque e depois, sabida a origem do ruido, vinha-lhe aos labios um sorriso feroz. O *Alcaide* pequenido, sumido entre os grandes frascais e morêas de trigo, resplandecente á luz do sol derrotado já, adormecia socegradamente recuperando as forças que um dia inteiro de luta lhe sorvera. Lá ao fundo, sentada no girão granitico aonde se estilham em cuspinhações a agua dos beirais, a manageira de faces vermelhas como medronhos, saia de castorina contrapiza de ganga azul e grande lenço da India solto em volta do pescoço, carapeava descuidosamente lá, cercada de cestos de grosso travisco assentes num vasto calhamaço. E no grande silencio caído dum ceu onde, pela primeira vez naquêledia, alastravam uns tons mimosos de papoila desmaiada, ouvia-se o rr... rr... da lá correndo nas mãos gordurosas da pobre mulher. Por sobre a serra fronteira, lá prás bandas do poente, num vasto tablado de imponderalizações etéreas, desenrolava-se agora entre bacanais de luz a grande tragedia do solpôr. E almas feitas côres, disputando a primasia da belêsa em dialogos feitos vergões d'oiro, em gestos feitos, alvissimas ressurreições d'encantos



:: O MALTEZ ::

de respiração transmutada num deslumbramento de opala, vão pouco a pouco, a manso e manso esmorecendo, desvisualizando-se, deixando ver pelo diáfano das suas roupagens os tons cinereos dum ceu entristecido e vão emergindo ao mesmo tempo que o pano azul cacinderado de diamantes desce maciamente, silenciosamente e as luzes morrem na grande ribalta da serra. E a manageira de mãos esquecida no regaço cheio de rabugens de lã, olhar desvairado ante a visão daquêlê Eldoirado de pedrarias, por onde se estramalhavam delirantes saturnais de côr, julgava ver a celeste entrada do reino de Deus.

Arrebatada pela miragem esplendorosa descobria lá longe teorias de virgens mariposeantes, entoando naquele cair de noitinha ave-marias de luz. E o sol sumia-se aventando á terra um grande «salve-os-Deus» de côr. E ela com a alma cheia de vago misticismo, olhos perdidos longinquamente na indecisão dum sonho, recostada em ar de fadiga e com desleixo contra a cal branca da parede, entregou a cantar numa voz entrecortada de saudades, quadras popularizadas lá pelo têrmo da sua aldeia:

O' meu amôr quem te disse  
Qu'eu dormindo suspirava...

E dolentemente num tom arrasado, bafejada por misteriosa unção a voz erguia-se numa espiral de

candura com a leveza do perfume que abandona a flor e, insencível invadindo-nos a alma, trazia-nos á mente a transcendencia do sonho. O maltez sem ver ninguém, surpreendido pelo canto parou encostado ao bordão, fitando d'olhar escancarado a curva indecisa da serra unida ao ceu num grande beijo de nevoa crepuscular. O sol morrera e o campo todo com a alegria de quem se vê vingado atirava um suspiro d'alívio. E a voz ouvia-se:

Quem te disse não mentiu  
Que eu alguns suspiros dava...

Um clarão de misterio, um misto d'amargura e de alegria subita, iluminou o rosto barrento do maltrapilho. Recordava, uma vez, quem sabe se a primeira! um ponto saudoso da sua vida.

— Conhecia aquella voz, muitas vezes a ouvira quando creança ainda... Já lá iam uns bons dez anos... Como a vida passa! Como tudo passa! Ah! lembrava-se bem... conhecia-a bem... era a Maria, a Maria das Côrtes. Como êle gostara d'ela em tempos que já lá vão!... Era pequena, tinha uns quinze ânos, mas roliça, forte, uma rapariga de truz. Pormonde éla, dês a questão com o José da Arruda, nunca mais pousara pé em povoado.

Que dia esse!... Fôra na romaria da Senhora das Reliquias, em quinta feira de Ascensão. Era luminosa a tarde. O âno ameaçava mi-

:: O MALTEZ ::

seria e nenhuma das fréguezias faltara á procissão. Todos os casais se despovoaram dês as terras arenosas de Selmes té ás charnécas da Amieira, emaranhadas de chaparros anões, que parecem remorder inveja olhando a frondosidade sinica das faias. E numa onda de poeira, sob a sombra sadia dos eucaliptos, que entrelaçavam seus braços nus, aqueles povos em posição humilde de penitencia, cantando Salvês Rainhas, arrastavam-se ao longo da estrada, como uma serpente imensa, de dorso negro, rugindo soturnamente. Ladeavam o caminho, pra lá das valêtas, nos montijos esborrachados, filas de cêpas verdejantes engavinhadas a paus de esteva. Pelas alturas do *Poço da Rocha* o Arruda apareceu e entregou a trocar a Maria. E assim fora um grande tempo. Varias vezes o ameaçou.

— Que não fizesse caso, dizia éla. Aquilo é vinho...

Ele bem sabia mas que diabo! a paciência tem limites. Tinha de ser... Armou-se de desordem... Para fugir ás iras daquela gente enveredou por atalhos e foi dormir nessa noite assolapado no barranco do *Carmo*. Ao alvorecer do dia seguinte soubera que a justiça o buscava pela aldeia e que o Arruda ficára em perigo de vida. Daí ao diante não mais socego e descanso. Os homens começaram de ser os inimigos da sua liberdade, cuja segurança êle ia cimentando pelo tempo afora á custa da vida dos ou-

tros. Todo aquêlê que tentára embargar-lhe o passo caíra por terra a golpes da sua ira. E envoltas na meia penumbra que rasteja sob a ramagem sombria do montado, mil cruces enegrecidas pela impiedade de invernos sem conta, proclamavam sinistramente o corajoso instinto, que zelava a todo o momento pela consumação do seu triunfo. E boiando no mar do seu passado, o maltez via, entre borbotões de sangue, uma procissão d'almas, continuada, longa, a perder de vista fantasmal mal definidos, depois o indeciso, o vago.

— E tudo isto porque gostára dela... A vida é assim, feita de insignificancias. A tristeza daquela hora mística enterrecera-lhe a alma. E medrosamente, silenciosamente aproximava-se de Maria.

— Talvez que ela inda se lembrasse... Mas havia tanto tempo! Podia lá ser... Podia lá ser!... Neste comênos a manageira ao ver a figura extranha do povertão, palida de morte, tranzida de terror rompeu prã dentro do *monte* em alucinada correria, clamando pelo marido a gritos desentoados. Rapidamente o maltez fugiu, metendo ao longo do barranco toldado por silvados, chegando-lhe ainda aos ouvidos a voz do manageiro:

— Se te apanho leva-te o diab' alma, filho d'aquela tronga!

E um tiro ao acaso varejou a barreira do valado. Já bem longe ia o maltez quando a escolmilha lhe



:: O MALTEZ ::

cortou o caminho. A noite vinha aumentando mansamente. Ouvia-se na escuridão o respirar da natureza adormecida. Tudo descansava serenamente. Pírilampos em ranchadas talavam no escuro relâmpagos d'opala. A noite avançava amostrando o grande azul alinhavado a finíssimos fios de prata. Ao desembocar do barranco o maltez parando junto duma moita bem seca, petiscou lume com dois cacos de botija, chegou a mexa inflamada ao pasto e a passo rápido subiu o monte. Como leves vapores duma sulfatara, ao principio o fumo erguia-se medrosamente num pequeno penacho tremulo e diáfano. Depois as labaredas rastejando sofregamente iam, como foices de fogo, entrelando a pouco e pouco as moitas visinhas. Já uma ou outra chama, como que sondando timidamente a limpidez do ar, soerguia-se num manso crepitar de pasto rilhado pelo trilho e ao descer rápida caracolava numa espiral de sangue. O fumo alvacentado, como estalactite de cinza imponderavel, pendia sereno do ceu estrelado. O fogo, sorrateiramente, mil vezes forquilhado em tendões rubros, arrastava-se traiçoeiro pelos baixos do matagal, rasmalhando em crepitações mal abafadas, alargando os

chamejantes tentaculos de polvo que se prepara para avassalar a preza. De subito as alas erguem-se num arranco heroico, por toda a parte rebentam borbotões de fogo, que alastrando, dando-se os braços, transformam o campo numa fogueira imensa. O lume chegou á seara, a seara incendiou as arvores, as arvores ensangentam o ceu.

Por sobre a serra vagueia um dragão colossal de fogo. A' medida que a fumarada aumenta o ceu abaixa pesadamente, esmagadouramente e num beijo de asfixia imensa une-se ás terras em chamas. Arvores que se afundam de brôco naquêlê mar incandescente, levantam, sinistras, uma explosão de faulhas. Cada grão de trigo que estoira é uma maldição que se ergue! As chamas sofocadas, em ancia, coriscam pelas entranhas daquele ceu de fumo. A natureza arde em colera. Sômente a morte triunfa! Ouve-se ao longe o uivar enraivado duma povoação inteira. Todos querem saber quem foi o autor da malvadez.

Repentinamente uma labareda imensa rasga os espaços, projecta nos longes um sinistro clarão e erguido no topo do monte viu-se terrível como a estatua da vingança o perfil sombrio do maltez...

: GARCIA PULIDO :



:: Evora — Junho de 1912 ::

:: ELEGIA DA MISERIA ::

Ao poeta João de Barros



QUANDO o Sól morre e o Azul vibrante

Em raios violetas a Agonia incensa,

A caravana passa, tropega, ululante,

De Miséria, de Dôr, de Fome e de Descrença...

No rosto das virgens que perpassam, móram

Traços de Sofrimento, sinães que magôam...

E pelas estradas, pés descalços chôram

Uivos de dôr; beijos das pedras sóam...

Rotos, descalços, fructos do desgosto

pequenos heroes rolam-se pelo chão;

E' o pó dos caminhos perfuma-lhe o rosto

N'uma ancia febril de Consumpção...

Aos grupos perpassam, mãos torturadas

Pelos ferros da Arte; e os musculos duros

São velhos cantores das pedras lavradas...

São velhos poetas versejando muros...

Tremúla a penumbra. Dos lenhadôres

O machado refulge, no aço do côrte;

E os pinheiros gigantes, dominadores

Saudam em côro a proxima Mórte.



☐ ELEGIA DA MISERIA ☐

De dentes bem alvos, pequenas vivazes,  
Na volta do burgo, devoram o pão;  
E nas arvores de fruto, trepando, os rapazes  
Enganam a Fôme, distraíndo o cão...

Solitario Andante, de brancas na face  
Pintava o Sól Posto, com alma e carinho...  
E a Arte esmorece, oscila, renasce  
Na mão do artista, a copos de vinho...

Creanças mal guiam os bois que se arrastam  
E o eixo dá voltas, gemendo e uivando:  
Se os carros vasiaos depressa se afastam  
Os donos lá correm, zig-zagueando...

\*  
\* \*

A caravana passa. A vida é um poente  
Um rude succeder d'inextricaveis côres;  
Quando morre o Sól, toda a Miséria sente  
Um veu cariciante a envolvêr-lhe as dôres...

E a Crença renasce. Das montanhas  
O murmurio desce em halitos vernáes,  
Como um revoar de sensações estranhas  
Arrastando a Fortuna em bençãos sensuáes...

Coimbra, 1912.

: MARQUES DOS SANTOS :



— SEMPRE GALANTEADOR...  
— E A MINHA PROFISSÃO...

DESENHO DE  
ALMADA NE-  
GREIROS : : : :



## :: EM PLENO EXILIO ::

A um amigo que vive nas serras



tua carta veio hoje ter comigo, trazendo-me nas suas paginas calmas e luminosas a rija fé impertubavel que os corações da nossa aldeia guardam dentro de si, como uma chama imortal que illumina as vidas e os destinos, ainda para além da morte.

As tuas palavras tão simples e tão fortes, sem o mais leve sabôr das Arcadias que por aqui envenenam os espiritos e pervertem o gosto, produsiram na minha rebelde amargura o mesmo effeito aquietador que certas manhãs de larga serenidade e de mimosa frescura causam naquelles que anciosamente velaram a noite, fixando na treva as suas pupillas cheias de inquietação.

Como tu és um homem tão puramente humano que não ousas sondar com colera ou ironia a tua personalidade interior, afim de alcançares o misterio do teu ser, as razões supremas do teu roteiro de vivente! Como tu deves ser feliz confiando em ti, sem uma hesitação nem uma nuvem, deixando correr os dias no mesmo ritmo constante com que as fontes dos velhos claustros, á sombra das laranjeiras, deixam correr as suas aguas, em tanques de musgoso marmore!

Amigo, se um dia sentires nascer em ti a nevrose de movimento, convidando-te a deixar a serra em que

vives, para te internares no tumulto suffocante da cidade, acredita que é tentação do Diabo que pretende desencaminhar-te do piso que vais trilhando, para te perder nalguma dessas ciladas que constituem o segredo do seu ingenho escarninho.

Mantem-te sempre de largo, encarando com rosto hostil tudo o que queira roubar-te á terra que te dá o pão e ao lar que te dá a paz!

O mundo é vasto, mas para bem viver basta o piqueno espaço que cobre a sombra de uma arvore.

Diogenes contentou-se com um tonel e uma facha de luz. Alexandre não se satisfazia com todo o orbe.

Ha famintos que loucamente, desesperadamente se entregam á faina de caçar a felicidade, peregrinando por continentes e mares, correndo com os expressos mais velozes e desembarcando nas capitães mais febris: cansam-se, esgottam-se na tumultuaria visão das gentes, das civilizações, dos monumentos e dos prazeres. Um dia interrogam-se, inquirendo de si mesmos o que hão de fazer para remediar o desbarato de suas energias. No meio do seu desalento, como vagabundos vergastados pela chuva, regressam amanchucados ao repousado abrigo das suas aldeias, onde a alma se lhes enflorara para o sonho e para a aventura.



Só então percebem que consumiram inutilmente, em correrias loucas, uma porção enorme de vitalidade, desperdiçando-a doidamente, consoante os impulsos rápidos do capricho, á maneira de perdulários que dispersam o seu oiro conquistando sensações momentaneas que perturbam os nervos, mas não os saciam. . .

Ai, quem me dera retroceder até ao tempo, já distante e ligeiramente velado no claro-escuro das recordações, em que eu, inacessível ás dúvidas que hoje me corroem intimamente, tirando ás minhas decisões a graça robusta de uma espontaneidade prompta, encarava a existencia e suas procellas, com essa tranquillidade primitiva, propria dos que nas largas caminhadas se orientam sempre pelos picos dos montes mais altos!

A minha pericia na arte de raciosinar era mais que limitada, mas em compensação a minha consciencia assentava sobre meia duzia de *certêsas* que a tornavam mais forte que os rochedos da beira-mar.

Se me visses, se pudesses medir o naufragio total das minhas antigas faculdades de batalhador obscuro, pasmarias ao descobrires em mim um homem de rosto franzido, desconfiado e avaro de palavras, o olhar inquieto e os labios macerados pelo contacto maligno de ironias crueis, que parecem vir de qualquer pantano sombrio, sepulto no meu peito. Acho-me de tal arte depri-

do, perante a imagem do que fui outrora e do que tu és hoje, que, se ás vezes penso no grato prazer de uma visita ao ninho de aguias que é a terra em que ambos nascemos, um movimento de pudor me obriga pres-tes a repellir tal proposito, visto que me reputo menos digno de levar até vós esta minha pobre humanidade encarquilhada e rôta, mais esteril que as ruinas de uma cidade mal-dita.

Por aqui, meu rude aldeão, os homens guerreiam-se com paciencia e rancor, umas vezes elogiando-se felinamente, anafando-se no seu amor proprio, como ordinariamente faz a petisada ás bonecas que a principio enfeitam e compõem com ternuras de maternidade ciosa, mas que, pouco depois, esventram e esganam sem piedade; — outras vezes insultando-se e mordendo-se, não com a raiva brutesca e soffrega de alões que se fazem justiça com os colmilhos afiados, mas pelo processo discreto e calculado das pessoas amaveis que dizem e praticam as maiores enormidades com o ar inocente de quem se abrasa no amor do proximo.

A sinceridade que é a mais maravilhosa revelação de um character bem formado — suprema cristallisação dos temperamentos rudes, indomaveis na sua inconformidade, no seu desrespeito pelas maximas de uma moral de sangue-sugas e de patifes — não se dá nestas paragens, onde a mentira floresce tão prospera e risonha que todas as bôças lhe

prestam culto, venerando-a com o raro carinho e a rara devoção que os fieis votam aos seus oragos.

A verdade, essa que as creaturas de bronco intellecto invocam em seus assomos da vingança, chamando-lhe — *a unica verdade*, tenho-a visto prostituir-se e emborrachar-se tanta vez que, se eu fosse ainda capaz de odiar ou amar alguém com violencia, detesta-la-hia muito mais do que antigamente detestava os castelhanos que encontrei na Historia de Portugal, quando me preparava para exame de instrução primaria.

Ainda outro dia, em S. Bento, um deputado cuja descompassada pansa faz pensar saudosamente no tonel sem fundo das Danaidas, após um daquelles assomos de facundia que derreiam os seus autores, como se tentassem arrancar pela boccarra escancarada os proprios intestinos, berrou, estendendo o braço n'um gesto arrasante e decisivo: — «A verdade está comigo!»

. . . Imagina, a grande porca com quem está, ella que o nosso prior, em suas saborosas homilias, affirma estar no ceu, á mão direita de Deus Patre Todo Poderoso! . . .

E assim tudo á proporção. As boas virtudes, as que dão á figura humana a grave magestade que ainda se alcança nos quadros dos mestres, não se sabe onde poisam, havendo, porém, quem garanta que estão desterradas em almas ferrugentas e archaicas, que se recusam a acompa-

nhar a marcha do seculo, fechando os olhos para melhor resistirem ás tentações de um progresso que não é capaz de manter de pé, durante cinco minutos, a noção austera do dever, mas que ainda ha pouco inventou um aparelho para coçar as costas aos infelizes que teem o coiro sujeito a dermatoses.

De maneira que, meu amigo, se um individuo pretende nesta sociedade manter relações com alguém, deve fazê-lo comsigo mesmo.

Cuidado com os outros, porque não só picam os dedos como os espinhos, mas, se os pomos á vontade, acabam por nos derruir as crenças fundamentaes da nossa personalidade! . . . Palavras indifferentes para toda a gente; mas consideremos *toda a gente* como qualquer coisa de remoto e estranho que só ao de leve perturbe os nossos pensamentos, como a existencia dos selenitas e a flora do planeta Venus.

Construa cada qual dentro de si a sua cidade: encerre-se nella e de vez em quando trepe aos seus torreões para contemplar a natureza e as suas perspectivas tão seductoras. Quando as nossas vistas toparem um homem, é conveniente eleva-las logo até aos astros, afim de nos purificarmos na claridade que banha as alturas. Ai, meu amigo, como a vida por aqui se vai parecendo com um exilio entre as gentes! . . .

Na aspiração impossivel de ser o que tu és, te abraça

: JOAQUIM MARTINS MANSO :



◻ DO «ROMANCEIRO DAS AGUAS» ◻

**A**GUA da Altura, límpida e sonora,  
Aos desejos do Vento, num descuido,  
Tu és da Vida a fonte criadora,  
Corpo das Nuvens ondeante e fluido.

Por teu peito bálsamico de seivas  
Ha nos montes fartura reluzente:  
Dómam-se as terras de lavoura, as leivas,  
E ergue-se á flôr a tímida semente.

Agua da chuva em mobil revoltura  
No Oceano do ar, no firmamento...  
Rega divina a que essa artista, o vento,  
Dá forma esculpurada, a tecitura.

— No nebuloso olimpo concebeste...  
E á crusta isenta, resequida e nua,  
Trazes perfumes, o frescor celeste,  
Dos alvos saibros místicos da Lua.

Eurithmias moduladas, feitas  
Por cadencias de versos diluidos;  
Bátegas recortando os meus sentidos  
De furtivas palavras liquefeitas.

: DO «ROMANCEIRO DAS AGUAS» :

Agua que o ar frio arrasta e desencanta,  
— A que dá vida, a que renova a planta;  
Agua que antigamente foi suor  
No rochedo e na flor!...

E bagas do suor da tua fronte  
Na labuta da vida pelo monte  
O' cavador cansado!

Respiração carnosa que ao depois  
Foi ser chuva e crepusculo doirado!

Gotas de orvalho,  
Irmansinhas das lagrimas, vós sois  
O suor do trabalho.

Respiração dos rios e florestas  
E fumo do meu lar...  
E pragas das palavras deshonestas  
Dos pantanos e charcos ao luar;

Respiração de bocas amorosas  
E de halitos das fontes;  
E aroma suavissimo das rosas...

No longe e fluido olhar dos horisontes  
Tudo se casa e funde... E é Nuvem densa:  
Habitação de lagrimas suspensa.

Coimbra, 1910.

: AFFONSO DUARTE :



## :: LUA-NOVA ::



Á a Lua-nova sobre o meu casal. . .

— Que fundos de alma em religiosas telas?!

Olha por mim o céu de Portugal

Com olhos beatíssimos de estrelas.

E em fluido ocaso ainda o sol derrama

Não sei que olhar estático de monje. . .

E lívido êrmo onde o silencio chama,

Dobra em minh'alma a voz cristã do Longe!

Dia ao Mar: O sol finda o seu poema:

E hora de cinza, em dúvida suprema,

O longo fim da Tarde desconsola.

Já nas sombras da Noite, orando aos céos,

Como um pobre-de-cristo pede esmola,

Erguem os choupos suas mãos a Deus.

Casal do Sol-posto, 912.

: AFFONSO DVARTE :

## :: LIVROS ::

D. JOÃO DE CASTRO (1500-1548)

por Manoel de Sousa Pinto



ALVEZ se extranhe o fácto de se falar numa revista destas, do livro com que o sr. Sousa Pinto abriu pomposamente uma biblioteca consagrada a grandes vultos portugueses.

Realmente, não se trata dum acontecimento literário de importância, e muito menos dum acontecimento que interessasse aqueles que se dedicam ao estudo da historia; mas trata-se duma prova clara da facilidade senceroniosa com que entre nós se fazem estas cousas.

O sr. Sousa Pinto encarregou-se de escrever um livro de historia talvez cheio de boa vontade, mas com uma facil precipitação de que eu o não julgava capaz, — habituado como estou a vel-o assinar artigos e estudos d'arte, criticas sérias que o honram, e que o fazem merecer a nossa estima; e veio a terreiro, agora, com um livro feito á pressa, quasi sobre o joelho, cheio de transcrições (como se faz em jornalismo quando ha falta de original) querendo talvez fazer um estudo historico, mas que não chega a ser um livro de vulgarisação.

Ora foi isto que me deu na vista e que me leva a chamar-lhe um livro banal.

Terá intenções de vulgarisação? Terá; mas o autor não procurou

como deveria neste caso, pôr bem em evidencia esse vulto interessante, altamente simpático que foi D. João de Castro, collocar-o bem destacado num quadro bem vivo desse tempo, despidendo-o das citações eruditas que não devem ter lugar num livro destes, e procurando assim interessar o leitor menos culto pelo homem singular de que se trata, de forma que, no fim da leitura, ficasse com a clara impressão do heroi, impressão clara que devia ficar, como nos acontece com certos contornos de paisagem que conservamos na memoria, embora detidamente, por partes, e no conjunto, a observassemos com cuidado.

Mas não. O sr. Sousa Pinto começou a escrever sem ter bem planeada a obra, e estudado a fundo o assunto; de modo que, ficou o livro um amontoado de indicações biográficas, com uns arremedos de investigação, com umas datas tiradas daqui e dali, com um ou outro periodo em que tenta criticar, e. . . — dêem-se ao trabalho de verificar — com cerca de cinquenta e cinco paginas de transcrições, no pequeno volume de cento e vinte paginas. . .

E D. João de Castro?

O honrado portuguez fica afogado no meio de tanta transcrição, sem o meio em que viveu aparecer



: LIVROS :

com largueza de vistas e rigor nas descrições; e o leitor fica assoberbado com as longas tiradas retóricas de Coge Sofar ás tropas, e os regimentos que el-rei D. João III mandou fazer para as armadas costeiras, esquecendo-se assim de que comprou o livro para ficar sabendo quem era esse homem honrado que empenhou as barbas, e do qual uma quinta em Cintra conserva uma terna tradição.

E depois... quando tenta mostrar melhor esse mixto de sabio, de filosofo, de politico e de guerreiro, quer persuadir-nos que ele é uma figura essencialmente portugueza, profundamente portugueza, embora confesse que era um apaixonado dos heroes de Plutarcho.

Esta sua preocupação deu-me logo no gôto, ao abrir o livro, no começo do proprio prefacio, pois que sempre vi o honrado governador como um produto algum tanto artificial, proveniente da educação que lhe deram e da cultura que teve, produto dum temperamento especial com grande força de vontade, moldando-se bastante em moldes classicos, o que deu logar a que a sua vida fosse um exemplo que se destacava do meio, exatadamente porque de forma alguma se confundia com o meio.

Ver D. João de Castro assim, parece-me mais certo que vel-o sob

o ponto de vista sob que o sr. Sousa Pinto o quiz ver. Que de resto, compreende-se: o autor, escrevendo o livro tão á pressa que segundo o confessa nem teve tempo de consultar certos documentos, não tendo tambem tempo de estudar a valer a personalidade do biografado — viu-o atravez da retorica de Jacinto Freire, viu-o atravez da fumarada do triunfo de Gôa, e eis que se convence que está em frente duma creatura profundamente portugueza.

E como de vez em quando cita, em notas, obras e documentos, e faz considerandos sobre datas ácerca das quaes ha duvidas — o leitor desprevenido julga que está lendo um livro de erudição, quando afinal, essas cousas arranjam-se facilmente e só conseguem enganár ignorantes.

Mas eu estou dando tarefa demasiada... Não continúo. O livro é máu, e essa é a razão do silencio que houve nas fileiras — o que, de resto, não é para admirar, excluindo o cronista officioso do *Diario de Noticias* que quasi ia confundindo o livro com a promettedora e auspiciosa *Terra de Sol*...

O que só me admira é que o terrível sr. Albino Forjaz de Sampaio, não tivesse dito mal dele, com aquela prosa de vidros quebrados e pontas d'alfinetes com que costuma escrever uma ou outra cronica na *Lucta*.

: ESTEVAM CORREIA :



Segundo o processo de Ferno  
Preparado por  
F. M. ASSIS

É sem duvida alguma o Depu-  
rativo ASSIS o que mais radical-  
mente cura as doencas syphiliti-  
cas em todas as suas manifesta-  
ções. Opera com resultado ex-  
traordinario em todos os casos  
em que predomina a impureza do  
sangue. — É o preparado pharma-  
ceutico que mais auxilia o funcio-  
namento de todo o organismo,  
combatendo efficazmente o virus  
syphilitico. — Os seus effeitos, não  
são modernos, pois bastantes indi-  
viduos devem a vida a este mara-  
vilhoso preparado pharmaceutico,  
que não contém substancias nocivas  
para qualquer orgão, e é um  
sonico poderoso, excitando o appe-  
tito, augmentando o numero de  
globulos vermelhos do sangue,  
assim como o peso dos doentes.  
N'este preparado entra como  
grande auxiliar um producto chi-  
mico, descoberto pelo grande sa-  
bio em chimica organica e inor-  
ganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não  
fazer uso, durante o tratamento,  
de bebida que contenha alcool,  
não comer peixe azul, fructos aci-  
dos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40  
grammas) pela manhã ao levantar,  
outro á noite ao deitar. Passados  
sete dias, deve-se fazer uso de um  
calix mais, do meio dia á uma hora.

Cada frasco, 15000 réis

DEPOSITO GERAL

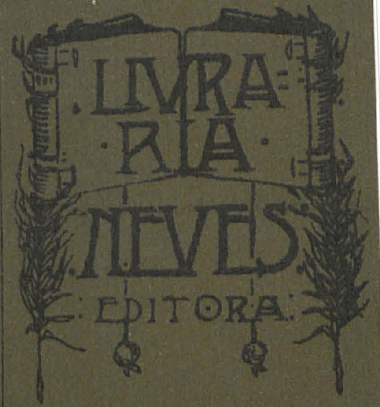
DROGARIA PALCÃO  
48, R. Nova do Almado, 44 - LISBOA



PARA  
CARTAZES ☞  
VITRAES ☞☞  
☞ CAPAS DE  
LIVROS ☞☞  
PASTAS ☞☞  
EX-LIBRIS ☞  
☞ PIRO-GRA-  
VURA ☞ MO-  
VEIS ☞ ETC.

Por Assis

COIMBRA — L. de Feira, 16



COIMBRA

\*\*\*

Trata de todos  
os negocios uni-  
versitarios e esta  
apta a satisfazer  
qualquer encom-  
menda de livros  
ou outras publi-  
cações nacionaes  
e estrangeiros.

